

O PROCESSO DE ADOECIMENTO DO (A) PROFESSOR (A) E SUA SUBJETIVAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Vandeilton Trindade Santana
Centro Universitário Jorge Amado

Edivana Almeida Aguiar dos Santos
Centro Universitário Jorge Amado

Resumo: O presente artigo tem por objetivo trazer uma reflexão a respeito do processo de adoecimento do (a) professor (a) e sua subjetivação na contemporaneidade. A partir dessas discussões, percebe-se o desenvolvimento de doenças psicossomáticas nas narrativas e diagnósticos apresentados por docentes quando estes procuram ajuda profissional. No que tange ao processo de subjetivação dos (as) professores (as) na contemporaneidade, é importante observar que opera um sujeito que produz práticas de significações no seu fazer cotidiano. Assim sendo, na luta por atender as exigências do contexto atual, a saúde do (a) professor (a), é colocada em risco. Nas últimas décadas, as atribuições docentes têm se tornado mais exigentes e de grande responsabilidade, fruto das decorrentes transições sociais, econômicas, políticas e culturais. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma revisão sistemática da literatura, baseado em doze artigos científicos das bases de dados da *SciELO* e *BVS*. Para tanto, as pesquisas apontam que as precarizações e desvalorização do profissional de educação, bem como as péssimas condições de trabalho, têm ocasionado quadros de sofrimento psíquico e conseqüentemente, desencadeia em doenças psicossomáticas. Viu-se que ansiedade, distúrbio na voz, transtorno mental, estresse, hipertensão, tem sido os problemas de saúde mais recorrentes entre os docentes.

Palavras chave: Adoecimento. Professor. Psicossomática.

1 Introdução

O processo de adoecimento de professores (as) tem sido um tema amplamente discutido nas conjunturas sociais, políticas, subjetivas e ideológicas, tendo como cenário, as implicações dos processos de adoecimentos e como isso se reverbera na vida cotidiana dos profissionais de educação e como é construído o processo de subjetivação na contemporaneidade. Em vista disso, no Brasil, as condições de trabalho e saúde do (a) professor (a), constituem uma problemática histórica e social para a educação brasileira em decorrência das nuances emblemáticas que implicam no fazer pedagógico do (a) professor (a).

No tocante, é de fundamental importância se pensar no sujeito enquanto peça angular no processo de subjetivação, que é inerente à condição humana. Compreender as narrativas, as subjetividades que tecem a profissão docente tem sido um desafio na era contemporânea, quando pensado a partir das contingências históricas e culturais que perpassam a sociedade brasileira.

Nota-se que a atividade docente, ao longo dos anos vem sofrendo inúmeras modificações no que diz respeito à estrutura que rege o fazer docente dentro de suas particularidades e modalidades de educação. Profissão, que antes ocupava um lugar de destaque, mediante outras profissões existentes no Brasil, passou a ocupar um lugar de desvalorização, precarização e conseqüentemente, pouco reconhecimento e investimento na profissão. Esses fatores têm desencadeado diversos cenários de luta e resistências por parte da classe professoral, em busca de melhores condições de trabalho.

Face às precarizações e desvalorização do profissional de educação, no caso, o(a) professor(a), bem como as péssimas condições de trabalho, tem sido recorrente quadros de sofrimento psíquico e conseqüentemente desemboca num processo de adoecimento psicossomático. As doenças psicossomáticas são desordens emocionais ou psíquicas que afetam também o funcionamento do corpo físico. Esses desajustes provocam diversas queixas físicas, e que podem surgir em diferentes partes do corpo, sendo assim, uma ligação entre o orgânico e o afetivo (CERCHIARI, 2000).

As doenças psicossomáticas em professores (as) têm-se evidenciado mediante as narrativas e diagnósticos, quando estes procuram ajuda. As singularidades emitidas nos quadros clínicos elegem o corpo físico como palco das manifestações somáticas. De forma geral, “todos temos razões para cair doentes somaticamente. A natureza, tanto quanto o ambiente, nem sempre é benevolente com o corpo”. (DEJOURS, 2019).

As razões para a somatização são diversas. Menezes *et al.* (2019), realizaram um estudo pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, que revelou que a forma mais comum dos pacientes explicarem doenças, conflitos, desemprego, problemas financeiros e perdas “(...) consistiu de falas contando situações cotidianas e vivências psicossociais em que as causas eram atribuídas a circunstâncias difíceis”. (MENEZES *et al.*, 2019, p. 17).

Diante do exposto, nota-se que as ‘circunstâncias difíceis’ mencionadas por Menezes *et al.* (2019), trazem narrativas de relatos entrelaçando sintomas orgânicos, estado mental e problemas psicossociais e reiterando a conexão entre sofrimento físico e emocional. No caso do trabalho docente, essa situação é corriqueira, chegando até a banalizar o sofrimento e/ou adoecimento, ou pior, naturalizando-os.

Ao discutir o adoecimento docente e seu processo de subjetivação, é importante destacar a afetividade, peça fundamental para estabelecer as relações humanas. No que diz respeito à profissão docente, a afetividade teorizada por Henri Wallon, aponta para dimensões extremamente importantes no processo laboral. O trabalho docente, visceralmente, é

constituído de afetividade. Segundo Veras e Ferreira (2010), a afetividade representa um conjunto funcional abrangente, o qual inclui sentimentos, emoção e paixão.

Partindo dessa ideia, é possível inferir que há uma ligação entre o orgânico e o psíquico, em que estão intrinsecamente ligados, constituindo um fator de grande valor para o processo de desenvolvimento do sujeito e suas relações com o outro. Não obstante, é essencial que o (a) professor (a) esteja envolvido nessa dinâmica afetiva, buscando a proporcionar uma vivência saudável na profissão docente.

Falar em dinâmica afetiva é falar de prazer e desprazer. Afinal, a emoção é um ingrediente indispensável tanto no processo de subjetivação quanto na compreensão do trabalho docente. Na contemporaneidade, os atributos afetivos se tornam mais evidentes, sejam manifestados de forma benevolentes ou não. Neste sentido, o mal-estar tão presente na classe professoral, não é dilema de agora.

Historicamente, para ser professor (a), alguns adjetivos e/ou qualidades precisariam compor o perfil de um sujeito que se propusesse assumir este lugar. Adjetivos estes, que se confundem com dom, vocação. E talvez, o quesito mais valioso nessa profissão fosse a afetividade. Doravante, as reformas educacionais, as ressignificações do trabalho docente, têm pautado um modelo inovador, significativo, reflexivo e colaborativo para se pensar a profissão docente, não anulando a afetividade, mas ressignificando-a.

Nesta direção, as reformulações relativas ao trabalho do (a) professor (a), têm trazido diversas demandas, as quais implicam nas dimensões pessoais e profissionais. Ao tempo que há inovações metodológicas do/no trabalho docente, ainda perduram a precarização e desvalorização da profissão há séculos. E esse processo, vem acarretando em inúmeros sofrimentos, culminando em um arsenal de patologias.

Discute-se neste trabalho o processo de adoecimento de professores (as) e sua subjetivação na contemporaneidade, que atuam na educação em nível público e privado, tanto na educação básica quanto no ensino superior. Nestes cenários, observa-se, portanto, projetos de profissionalização do fazer docente de formas ambígua e dicotômica. O modelo de ensino no Brasil tem sido pautado por diversas nuances. Desde o século XX, e principalmente a partir de 1980, onde se assenta as limitações, desafios, distorções e tensões. (PENTEADO; NETO, 2019).

Estudos realizados por Santos *et al.* (2019), Penteado e Neto (2019), Facci *et al.* (2018), relatam que os(as) professores(as) estão adoecendo. Neste sentido, faz-se necessário intensificar as discussões acerca dessa temática com intuito de fortalecer a luta, bem como tentar oferecer subsídios que possam amenizar e/ou eliminar o sofrimento psíquico e o

adoecimento dos (as) professores (as). Para isso, é necessário que haja engajamento por parte dos gestores, bem como políticas públicas de fortalecimento ao bem-estar docente e qualificação nos processos de ensino e aprendizagem.

Em vista disso, falar da saúde do (a) professor (a) é preciso e urgente, uma vez que as demandas do sistema educacional têm se reconfigurado e as exigências se tornaram mais extenuantes. Porém, ao tempo em que há demandas e exigências, não são oferecidas as devidas e reais condições de trabalho. Essas situações acontecem tanto no sistema privado como no sistema público de ensino, da educação básica ao ensino superior.

Para tanto, é importante observar-se quais fatores contribuem para o processo de adoecimento de professores (as), em ambos os sistemas. Desse modo, este trabalho objetiva-se identificar os fatores desencadeadores do sofrimento psíquico e o processo de adoecimento de professores (as).

2 Subjetivação, sofrimento psíquico e trabalho docente: uma relação com a psicossomática.

No que se refere ao processo de subjetivação dos (as) professores (as) na contemporaneidade, é importante observar que opera um sujeito que produz práticas de significações no seu fazer cotidiano. Neste sentido, ao longo da cronologia histórica do ser professor (a) no Brasil, diversas questões como os aspectos culturais, têm produzido outras formas de subjetivação concernente ao sujeito professor (a).

Doravante, tais aspectos, trazem em seu bojo, entraves ao exercício da profissão docente, como por exemplo, o mal-estar docente, a precariedade do fazer pedagógico e subjetivo do (a) professor (a), desvalorização docente, sucateamento das instituições de ensino, etc. Tardiff (2002, p.57), é muito feliz quando diz: “[...] se o trabalho modifica o trabalhador e sua identidade, modifica também, sempre com o passar do tempo, o seu saber trabalhar”.

Pode-se perceber, que o saber trabalhar e aqui ênfase no trabalho docente, não é uma linha reta, algo engessado. Não se trata de algo estanque. É moldável, construído, ressignificado. E é por isso, que precisa levar em consideração o processo de subjetivação que é particular de cada profissional docente. Fazendo analogia à citação de Tardiff (2002), é importante assinalar que para desenvolver a docência, é fundamental entender que a mesma é construída sob a articulação entre o conhecimento organizado de conteúdos com o conhecimento do processo de ensino.

Os processos de adoecimento no trabalho, em especial do (a) professor (a), consistem em refletir na dinâmica relacional dentro e fora das instituições de ensino. Comumente, muitos professores (as), têm sido atropelados pela sobrecarga de trabalho, pelas más estruturas de organização do trabalho docente, assim como tantos outros fatores que delinearemos ao longo deste trabalho.

A profissão docente apresenta um diferencial das demais profissões por haver investimento afetivo e emocional estabelecido na execução do seu trabalho. (LYRA, *et al.* 2013). Neste sentido, ser professor (a) na contemporaneidade tem sido desafiador por entender que as demandas advindas do corpo social, evocam anseios de um profissional que precisa constituir-se como protagonista. Entretanto, não pode perder de vista que a identidade profissional docente passa por dificuldades concernentes à sua constituição, assim como entraves impostos pelo contexto educacional e social do século XXI.

Na luta por atender as exigências do contexto atual, em face de um número elevado de demandas, a saúde do (a) professor (a), é colocada em risco. Nas últimas décadas, as atribuições docentes têm se tornado mais exigentes e de grande responsabilidade, fruto das decorrentes transições sociais, econômicas, políticas e culturais. Assim, os processos de adoecimento no contexto do trabalho docente, são percebidos não apenas como fatores eminentemente biológicos e orgânicos, mas psíquicos. Aqui, se estabelece um fenômeno psicossomático. E desse modo, compreendemos a saúde como um elemento biopsicossocial.

Independentemente da esfera de atuação, bem como nível de ensino, a saúde do (a) professor (a), é afetada de forma negativa. A carga emocional e afetiva é intensa, pois há envolvimento na relação professor (a) e aluno, principalmente. Algumas questões levantadas num estudo realizado por Diehl e Marin (2016), revelam que problemas dos alunos, a desvalorização social do trabalho, a falta de motivação para o trabalho, a exigência de qualificação do desempenho, as relações interpessoais insatisfatórias, as classes numerosas, a inexistência de tempo para descanso e lazer e a extensiva jornada de trabalho, têm sido questões que causam estresse no professorado.

A pesquisa apontou que ansiedade, distúrbio na voz, transtorno mental, estresse, hipertensão, têm sido os problemas de saúde mais recorrentes entre os docentes. Estudos realizados por Ferreira *et al.* (2016), com professores(as) da rede pública municipal de São Paulo, revelaram que os professores pertencem à categoria profissional com maior prevalência de distúrbios vocais, sendo esses agravos uma das principais causas de afastamento do trabalho docente.

Nesta ótica, nas atuais e reais condições de trabalho da maioria das escolas públicas, a docência encontra-se em constante risco de gerar o adoecimento do professorado. Essa realidade torna-se ainda mais complexa quando se fala da educação básica. Conforme aponta Vieira *et al.* (2016), a falta de apoio por parte dos órgãos coordenadores da educação, o crescimento de cobranças por parte da sociedade e a hipertrofia de funções, tem tornando a tarefa de educar um grande risco para a saúde dos docentes.

Aliado aos fatores elencados acima, a urgência subjetiva, aponta um itinerário ainda mais dificultoso para a carreira docente. Dificultoso, no sentido do acúmulo de coisas, para o (a) professor (a) dar conta. Sem mais, nem menos, a subjetividade acaba sendo massificada em detrimento das ocupações profissionais. O “deixar para depois”, digo, cuidar de si e dos aspectos psicossociais, corrobora para intensificar o sofrimento e o mal estar.

Arelados a essas questões, fomos tomados por um contexto epidemiológico bastante agressivo. Com o advento da Covid-19, as mudanças inesperadas e aligeiradas tomaram conta do nosso cotidiano, as quais só aumentaram as queixas e as demandas. Nesse cenário, tudo se modificou. A rotina foi atropelada, o ir e vir foi barrado. E como não bastasse trabalhar nessas condições, no caso do professor se torna mais complexo.

Neste contexto a pandemia da Covid-19 mudou a vida cotidiana, causando doenças e mortes em grande escala e provocando medidas preventivas como distanciamento social, confinamento e fechamento de escolas. Atingiu desproporcionalmente aqueles que fornecem serviços essenciais e aqueles que não podem trabalhar remotamente. Tudo mudou e ninguém estava preparado. A pandemia interrompeu o fluxo do tempo e desvendou o que era “normal”. É o surgimento de um evento que reinicia o tempo, cria rupturas e desequilíbrios radicais e traz uma contingência que se torna uma nova necessidade. (PACHECO, 2020)

A pandemia reorganizou nossas necessidades, que agora estão baseadas em uma nova ordem. Seja de média duração ou longa duração, isso terminará em um retorno ao “normal” ou nos moverá para um futuro desconhecido? Segundo Pacheco (2020), a educação reflete o que é agora e antecipa o que está por vir, recodificando as respostas públicas e privadas às crises. Além das habilidades cognitivas e práticas, este novo cotidiano escolar repousa nas chamadas habilidades sociais e emocionais a serviço do aprender a viver juntos, afirmando a cidadania global e, presumivelmente, devolvendo maior integração entre alunos e professores.

Neste sentido, de acordo com Pereira, Santos e Manenti (2020), muitos professores estão enfrentando os riscos de um plano incerto de volta às aulas presenciais, estão ensinando por aulas remotas e lutando para alcançar alunos que não conseguiam acessar as aulas *online*. Nas duas redes, tanto privada, quanto a pública, os (as) professores (as) enfrentam inúmeros desafios

e dificuldades, que vão desde a necessidade de aprender novas habilidades digitais para a promoção de métodos de ensino motivadores ou simplesmente efetivar a aula remota, à elaboração de novas formas de avaliação nos meios digitais.

Para além das demandas metodológicas, os (as) professores (as) precisam lidar com as demandas individuais dos estudantes e inclusive de suas famílias, que muitas vezes se envolvem nas aulas remotas. Esta situação quando adicionadas à pressão das cobranças de trabalho por parte dos gestores escolares ou secretarias de educação, resultam em danos à saúde física e mental dos (as) professores (as) brasileiros.

Ao falar de saúde dos (as) professores (as) brasileiros (as), o estresse tem sido apontado como um dos problemas de saúde mais recorrente no cotidiano escolar. Pesquisa realizada por Santos *et al.* (2019), revelou que o estresse é um dos causadores do mal-estar no docente, e pode ser observado no ambiente escolar, sendo ameaçador às necessidades de realização pessoal e profissional, ao dificultar a prática docente, além de colaborar diretamente para o acometimento ou agravamento de patologias.

Os fatores como precarização e condições do trabalho docente têm sido apontados como causadores do processo de adoecimento do professorado. São fatores que estão presentes tanto no sistema de ensino público quanto no privado, em diversas modalidades. Estudos realizados por Elias e Navarro (2019), com professores no ensino superior numa instituição privada, revelaram que a precarização do trabalho é um dos principais fatores que degradam a educação e a saúde desses profissionais.

Em consonância com esses fatores desencadeadores, os transtornos mentais, urgem como um dos principais causadores de afastamento de professores (as) por longos períodos, conferindo riscos para o bem-estar, afetando comportamento e emoções, conforme aponta estudos realizados por Machado e Limonji (2019)-com 330 professores da rede municipal de ensino de Minas Gerais.

É importante se pensar na saúde mental do (a) professor (a), haja vista, que as reais e atuais condições de vida e de trabalho têm acarretado em diversas formas de adoecimento no contexto laboral. As demandas oriundas da sala de aula acabam sendo levadas para dentro dos lares, sobrecarregando-os. Para tanto, vale ressaltar que para um bom funcionamento do psiquismo, é preciso haver organização do trabalho e boas condições de trabalho, sem permitir que as tarefas laborais alcancem as experiências pessoais e profissionais que constituem a história de cada sujeito, conforme pontua Souza (2018).

Pensando na saúde mental do (a) professor (a), a qual, é um subsidio essencial para o desenvolvimento das atividades profissionais, não se pode perder de vista, o contexto o qual

está inserido. A esse respeito, a cultura, as condições financeiras, assim como os valores morais e religiosos, são fatores que corroboram também, para o bem estar profissional. Assim sendo, é preciso que haja capacidade de dialogar e questionar as adversidades que surgem, de forma que possa estabelecer uma compreensão e limites do/no ambiente de trabalho.

Neste sentido, vale salientar que,

[...] a compreensão da organização e das condições de trabalho, dos aspectos que causam maior sofrimento nos docentes, no seu modo de perceber o trabalho que realizam e como enfrentam as dificuldades neste contexto [...] é o melhor caminho para se compreender o processo de adoecimento. (SOUZA, 2018, p. 105).

Dessa forma, a jornada de trabalho do professorado no Brasil, tem sido desgastante. Para além da carga horária cumprida no espaço laboral, muitos professores (as) acabam levando trabalho para casa, não restando tempo para se atualizar e manter seu processo formativo contínuo. No entanto, essa realidade, é ofuscada pelas inúmeras atividades desenvolvidas ao longo de sua carga horária, ou até mesmo fora dela. Há também aquelas atividades extras que muitos docentes desenvolvem como: desenvolvimento de projetos, participação em reuniões, elaboração de relatórios, apoio à equipe pedagógica no relacionamento com os familiares dos alunos, lançamento de notas e frequência nos diários, além de orientação e acompanhamento dos estudantes.

Nesta perspectiva, é salutar trazer para o cenário atual, diretrizes de fortalecimento e valorização do trabalho docente. O adoecimento psíquico é um elemento que tem conjugado o cotidiano do (a) professor (a), haja vista que as atuais condições dos sistemas público e privado de ensino têm desalinhado a profissão docente.

3 Aspectos metodológicos

Como percurso metodológico, adotou-se a revisão sistemática da literatura. Para isso, utilizou-se como bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), no período de julho a dezembro de 2020. Para realizar as buscas foram utilizadas quatro palavras chave: adoecimento de professor, mal-estar docente, sofrimento de professor (a) e psicossomática, nos portais de busca citados acima. Sendo assim, foram adotados critérios de inclusão e exclusão.

Os critérios de inclusão foram: escrito na língua portuguesa, que contemplassem a temática do trabalho e as respectivas palavras-chave, bem como artigos empíricos publicados entre 2010 e 2020. Quanto aos critérios de exclusão foram: artigos escritos em outros idiomas

(inglês, francês, espanhol, etc.), artigos que fugissem da temática abordada e que não contemplassem as palavras-chave e os trabalhos publicados anteriores a 2010.

Os procedimentos de análise dos dados deram-se pela leitura exaustiva dos artigos na íntegra para a construção das bases de análise de modo a tecer as discussões referentes ao tema, levando em consideração as variáveis e os critérios de inclusão proposto neste trabalho, de modo que pudessem atender o objetivo proposto.

Somando-se todas as bases de dados, foram encontrados 291 artigos. Sendo 130 no Portal *SciELO* e 161 no BVS. Após a leitura dos títulos dos artigos, notou-se que alguns deles se repetiram nas diferentes bases e outros não preenchiam os critérios deste estudo. Neste sentido, ao aplicar os critérios de exclusão foram selecionados 40 artigos para a leitura do resumo. Após a leitura dos resumos, foram selecionados 12 artigos que preenchiam os critérios de inclusão e que foram lidos na íntegra para a feitura deste trabalho, conforme fluxograma abaixo.

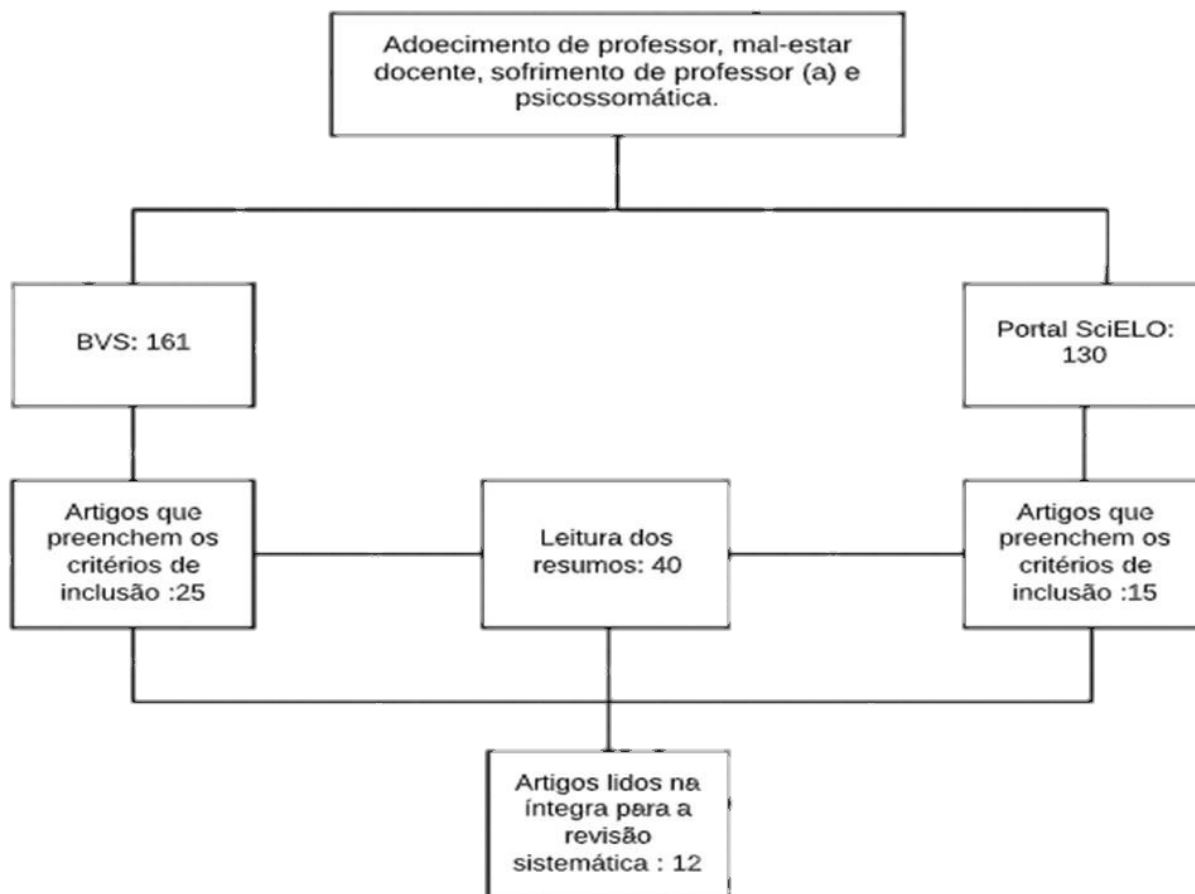


Figura 1 – Fluxograma dos bancos de dados científicos acessados.

4 Considerações finais

Nesta perspectiva, longe de concluir as discussões que são tão salutares para o exercício da profissão docente, é possível observar que a complexidade do trabalho docente e as diversas atribuições impostas ao professorado permitem que uma série de fatores interfiram no trabalho docente. Assim, as condições e a precarização do trabalho docente são fatores que corroboram para o processo de adoecimento dos (as) professores (as).

Novos desafios para a prática educacional de acordo com o atual contexto se configuram, no entanto, na civilização da informação a ordem do estado. Para o sistema de ensino é caracterizada não apenas por altas demandas de conhecimentos e habilidades dos professores das escolas, mas também pela reivindicação de características pessoais e melhores condições de trabalho docente que sejam adequadas à realidade atual da nossa sociedade.

Realidade que requer avaliação e acompanhamento psicológico à profissão docente, uma profissão que requer cuidados psicológicos e médicos qualificados, adaptados à natureza particular do ensinar. Isso deve ser fornecido dentro de uma rede de especialização, incluindo psicólogos, psiquiatras e especialistas em psicossomática, além de médicos que tratam da saúde física.

No entanto, apenas oferecer tratamento médico e psicológico aos (as) professores (as) não promove automaticamente a saúde integral destes, mas para a promoção da saúde e prevenção de agravos é recomendável que sejam realizadas alterações das condições de enquadramento do trabalho que mantém os níveis de adoecimento e os altos níveis de absenteísmo entre a maioria dos (as) professores (as) brasileiros (as).

Portanto, é salutar pensar em estratégias efetivas que agreguem nossa saúde mental. Rever as políticas públicas já estabelecidas e concorrer para uma prodigiosa efetivação dessas. É sabido que as demandas do trabalho docente contribuem para a qualidade de vida da classe professoral, sem que haja sobrecarga. Conforme visto nos estudos aqui realizados, as doenças psicossomáticas têm acometido uma parcela significativa de docentes, além da constatação das inúmeras patologias.

A subjetivação, por sua vez, frente às demandas da contemporaneidade do (a) professor (a), encontra-se sucumbida e relegada às tarefas docentes, sem que haja “tempo” para o profissional cuidar-se. Esse cuidado é um fator primordial no processo de subjetivação. Sem ele, fica comprometido nosso bem estar, quando pensado nas condições de trabalho e valorização da nossa profissão para o exercício digno, respeitoso e eficaz.

Referências

DEJOURS, C. Psicossomática e metapsicologia do corpo. In: _____. (org.). **Psicossomática e teoria do corpo**. Tradução de Paulo Sérgio de Souza Junior. – São Paulo: Blucher, 2019. p. 113-143.

ELIAS, M. A.; NAVARRO, V. L. **Profissão docente no ensino superior privado: o difícil equilíbrio de quem vive na corda bamba**. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172019000100004. Acesso em: 10 set. 2020.

FACCI, M. G. D. et. al. **Professor readaptado: a precarização do trabalho docente e o adoecimento**. Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 22, Número 2, Maio/Agosto de 2018: 281-290. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572018000200281&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 28 set. 2020.

FERREIRA, L. P. et.al. **Distúrbio de voz e trabalho docente**. Rev. CEFAC. 2016 Jul-Ago; 18(4):932-940. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462016000400932&lang=pt. Acesso em: 29 ago. 2020.

LYRA, G. F. D. et.al. **Sofrimento psíquico e trabalho docente – implicações na detecção de problemas de comportamento em alunos**. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000200017. Acesso em: 18 dez. 2020.

MACHADO, L. C.; LIMONGI, J.E. **Prevalência e fatores relacionados a transtornos mentais comuns entre professores da rede municipal de ensino, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil**. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1104215>. Acesso em: 28 set. 2020.

MENEZES, A. L. A. et al. **Narrativas de sofrimento emocional na Atenção Primária: contribuições para uma abordagem integral culturalmente sensível em Saúde Mental Global**. Interface (Botucatu). 2019; 23: e170803. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832019000100222. Acesso em: 10 set. 2020.

PACHECO, J. A. **The “new normal” in education**. Prospects. University of Minho, Campus de Gualtar, 4710-057, Braga, Portugal, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11125-020-09521-x>. Acesso em: 22 mar. 2021.

PENTEADO, R. Z.; NETO, S. S. **Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão**. Saude soc. vol.28 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902019000100010. Acesso em: 02 out. 2020.

PEREIRA, H. P.; SANTOS, F. V.; MANENTI, M. A. **Saúde mental de docentes em tempos de pandemia: os impactos das atividades remotas**. Boletim de Conjuntura, 2020. ISSN: 2675-1488. Boa Vista RR. DOI: <http://dx.doi.org/10.5281/zenodo.3986851>.

SANTOS, A. S. et. al. **Impacto do estilo de vida sobre o estresse percebido de professores hipertensos e normotensos**. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1051122>. Acesso em: 10 set. 2020.

SOUZA, F. V. P. Adoecimento mental e o trabalho do professor: um estudo de caso na rede pública de ensino. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2018, vol. 21, n. 2, p.103-117. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172018000200001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 dez. 2020

TARDIFF, M. Saberes, tempo e aprendizado do trabalho no magistério. In: _____ (Org.). **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 56 -111.

VIEIRA, J. S. et.al. **Trabalho docente e saúde das professoras de educação infantil de Pelotas, Rio Grande do Sul**. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 14 n. 2, p. 559-574, maio/ago. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462016000200559&lang=pt. Acesso em: 29 ago. 2020.

SOBRE OS (AS) AUTORES (AS):

Vandeilton Trindade Santana

Mestre em Educação e Contemporaneidade – Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Especialização em Gestão Educacional – Universidade do Sudoeste da Bahia - UESB
Graduado em Pedagogia e Gestão de Processos Educativos - Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Graduado em Psicologia – Centro Universitário Jorge Amado – UNIJORGE
Professor efetivo da Rede Pública de Ensino do Município de Dias d’Ávila – BA.
E-mail: wander.sam@gmail.com

Edivana Almeida Aguiar dos Santos

Doutora em Ciências do Desporto (ênfase em Saúde e Envelhecimento) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD – Portugal
Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA
Graduada em Psicologia – Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública – BAHIANA
Graduada em Pedagogia - Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Psicóloga do Centro de Convivência de Idosos do Hospital Naval de Salvador – Marinha do Brasil
Docente em cursos de graduação e pós-graduação na área de Educação e Psicologia.
E-mail: edivana.aguiar@gmail.com